

## SINAL FECHADO

(Clarissa Alves)

Era um sentimento estranho. Sentia prazer em fazer as coisas mais ínfimas do cotidiano, sozinha. Em sua infância, Carolina costumava transitar pela cidade, mas sempre conduzida às sombras dos passos da mãe. Agora já adulta, porém ainda transpirando jovialidade, conseguira a liberdade que tanto almejava. Saíra da casa dos pais há pouco mais de um ano para morar com o noivo, em um pequeno apartamento, próximo ao centro da cidade. Fazia pequenas compras, cozinhava... Gostava de assistir filmes comendo pipoca com o noivo, aos sábados, ou quando iam ao cinema, ou no sofá de casa mesmo, quando eles não tinham grana. Aos domingos almoçavam na mãe dela. Carolina sonhava ter um filho. Mais que o noivo. Este falava da inviabilidade do mundo em receber uma criança nos dias de hoje. “Tudo está muito caro e há muita violência”, ele dizia. Ela sabia disso, mas sonhava em ter um filho. Teria um filho rechonchudinho, que iria levar ao parque para brincar aos fins de semana e todos iriam querer apertar as suas bochechas coradas.

O ônibus parou. Subiu uma moça ruiva. Esta se sentou num banco em frente do seu. “Como queria ser ruiva”, pensou. Ter o cabelo castanho, a seu ver, a tornava “comum demais”. Invejava as ruivas. Invejava-lhes a leveza espetacular, a feminilidade bem mais acentuada.

Ao descer do ônibus, pode conferir mais de perto a grandeza daqueles grandes edifícios, a pulsação que vinha da avenida, das pessoas circulando em ritmo frenético pelas ruas.

Sentiu o peito encher-se de algo que não pôde explicar. Enquanto caminhava, apertava

cada vez com mais força a pasta contra o corpo, tentando copiar a postura ereta e os passos firmes daquelas pessoas que por lá transitavam.

Todos pararam. Esperaram. E, quando o homenzinho verde apareceu, todos, como que marchando, puseram-se a atravessar a rua.

Em meio a todos esses passos ensaiados, um descompassado cruzou o seu caminho com tamanha intensidade que, ao brutaemente chocar-se com seu ombro, fez sua pasta, juntamente com seus papéis, aterrissarem todos como esquivos bailarinos.

A cena foi rápida: ele abaixou-se e, pegando-os indelicadamente, os foi “depositando” à moça. Ela, meio assustada e petrificada com a ação, pouco movia os olhos e a boca. Ele disse “desculpa” e ainda logo, “pega tudo que o sinal vai abrir!”. Ventava e, as folhas já recolhidas tornavam a reiniciar seu balé.

Foi quando o sinal abriu e os carros puseram-se a avançar e buzinar. Uma moto os contornou e ele segurou-lhe os ombros com a força de suas grandes mãos. Mal o calor delas a consumia, foi brutalmente acompanhada para a calçada, enquanto uma de suas folhas dançava em meio aos automóveis.

“Bem, não se pôde recuperar todas” disse-lhe o moço. Ela continuou calada.

“Como não se pôde recuperar todas?” pensou “como não se pôde recuperar todas?” E viu o moço, ligeiramente, afastar-se dela, sumindo no meio da multidão.

Ninguém a olhava, ninguém sequer se compadecia de sua situação; era tão invisível como qualquer outro a sua volta.

De repente foi consumida por um sentimento de revolta, de desolação por tudo e por todos: por aquele moço que trombou com ela, pelo rapaz naquela moto que quase os atropelou, por aquelas pessoas que não a olhavam, por toda a rua, pela cidade, e

principalmente por ela mesma, que se sentia tão insignificante.

...

Saiu do escritório naquele início de noite, como de costume, apressada para não perder o ônibus. Quando chegasse em casa, o jantar já estaria adiantado pelo noivo, que saía mais cedo do trabalho que ela, mas se perdesse “esse” ônibus, iria perder o final da novela. Gostava de novelas. Gostava da certeza que tudo ao final encontrava a sua peça de encaixe nesse mundo.

Ao chegar ao ponto, que já estava tomado de pessoas que desejavam, assim como ela, chegar em suas casas depois de mais um dia exaustivo, olhava para a cidade, para os postes, os prédios que iam acendendo suas luzes, para o movimento que o farol dos carros dava aos viadutos, pela cidade tão “cinza” que a este horário punha-se a colorir. “Isso é tudo tão bonito!”, pensou, e tomou o ônibus lotado.